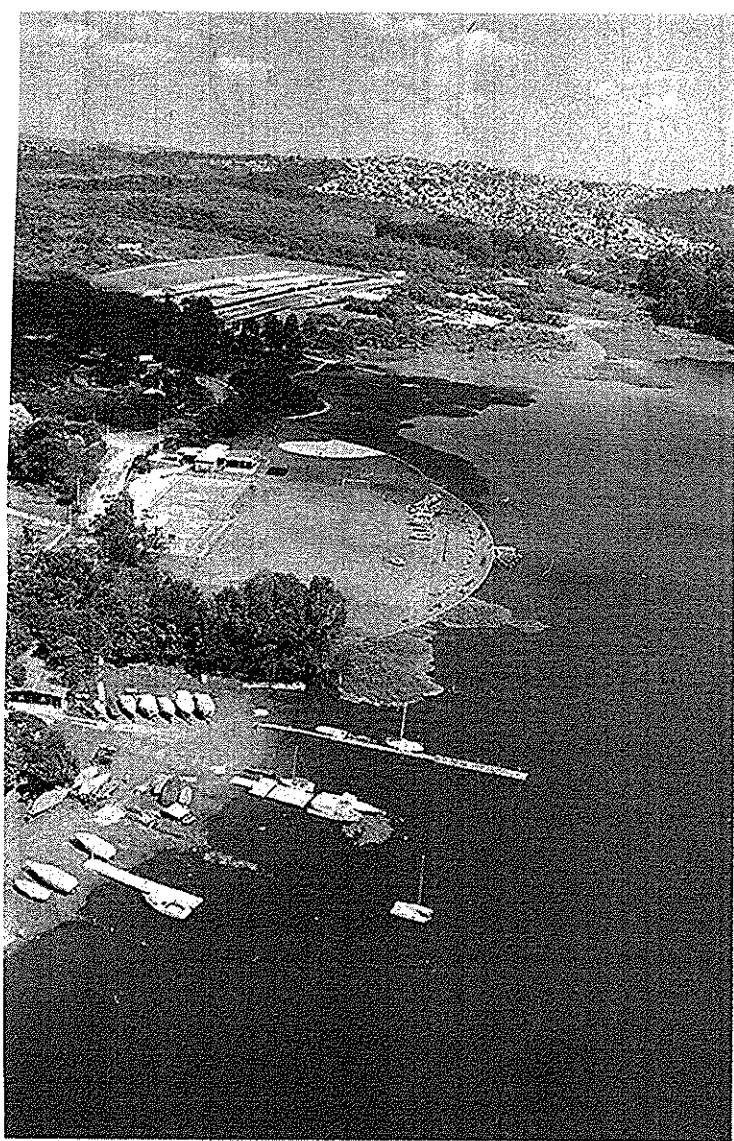




GUARAPIRANGA: reservatórios de água precisam de cuidados

Crescem os problemas nas megacidades

"A grande batalha pela conservação da água será ganha ou perdida nas megacidades do mundo". A advertência é de Klaus Toepfer, diretor-executivo do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), no Fórum Mundial da Água. Já existem 23 megacidades no mundo, aquelas com mais de 10 milhões de habitantes, 18 das quais localizadas em países em desenvolvimento, entre elas, São Paulo. A cada ano, somam-se 60 milhões de novos habitantes a estas megacidades, seja por migração ou pelo crescimento vegetativo. Com isso, crescem as demandas por água e os problemas decorrentes da superexploração ou má gestão desses recursos hídricos.

Segundo Toepfer, metade das cidades européias já explora águas subterrâneas acima da sua capacidade de reposição natural e diversos países têm sérias dificuldades com a poluição destes aquíferos. Chega a ser assustadora a

consequência da superexploração das águas subterrâneas na Cidade do México, que está literalmente afundando por causa da retirada excessiva da água do subsolo. O Brasil, com exceção do semi-árido nordestino, não sofre de escassez de água, mas tem sérios problemas com a poluição industrial, agrícola e com a falta de saneamento e o consequente despejo de esgotos in natura nos cursos d'água.

Soluções

"Até 2025, cerca de 5 bilhões de pessoas estarão vivendo em megacidades", acrescenta o diretor do PNUMA. "Isso significa que qualquer solução para a crise da água está intimamente ligada à governabilidade de nossas cidades". Muito além da simples urbanização, as dificuldades advêm da "ímprecedente urbanização da pobreza". Quer dizer, as cidades não estão se tornando apenas maiores, mas estão concentrando cada vez mais os socialmente excluídos.

A saída, para Toepfer, não está mais nas mãos das autoridades políticas ou econômicas, unicamente, mas depende de sistemas abertos, participativos e transparentes de administração.

(L.J.)

Fórum Mundial da Água: ecologistas fazem alerta

Entidades ambientalistas presentes no encontro em Haia, na Holanda, afirmam que é preciso controlar a saúde dos ecossistemas, além da distribuição da água

As duas megaorganizações ambientalistas União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) e Fundo Mundial para a Natureza (WWF) querem mais atenção para os ecossistemas nas discussões do Fórum Mundial da Água, que está sendo realizado em Haia, na Holanda, e vai até o dia 22. Ambas criticam a excessiva ênfase na redistribuição dos usos da água entre indústrias, agricultura e para o abastecimento da população humana, sem a necessária atenção à origem da água, que depende imensamente da saúde dos ecossistemas que a reciclam e garantem tanto a qualidade como a quantidade dos estoques de água do planeta.

"Nossos próprios corpos e a superfície da Terra são constituídos de mais de 70% de água. Nem nós, nem o planeta, sobrevivemos sem ela", discursou a rainha Noor Al Hussein, viúva do rei Hussein da Jordânia e patrona da IUCN. No Oriente Médio, a escassez de água já causa instabilidades políticas e a perspectiva de intensificação de guerras por este motivo não é desprezível. Na Jordânia, cada habitante tem acesso a cerca de 85 litros de água por dia, enquanto os americanos utilizam 600 litros. Israel, Jordânia e os palestinos, juntos, demandam 3,2 bilhões de metros cúbicos de água, mas a média das chuvas anuais na região não supera 2,5 bilhões de m³. Os 700 milhões restantes são retirados de reservas subterrâneas, sem condições de renovação.

"A água não pode ser vista apenas como uma commodity industrial, sem que se questione sua origem nem se pense na proteção dos mananciais", disse Claude Martin, presidente do WWF. "Não se pode simplesmente dividir a água entre os diferentes usos humanos e esquecer que a natureza também depende dela e que a proteção aos ecossistemas é fundamental para a manutenção dos recursos hídricos."

Martin defende uma mudança radical na forma como os recursos hídricos são manejados, sob o risco de caminharmos aceleradamente para um desastre global. "Precisamos deixar de discutir a gestão da água apenas quando há emergências." É fundamental, também, aprender com os exemplos de manejo errado, que estão obrigando à rever-

são de projetos, como nos Everglades, EUA, onde o governo americano já investiu mais de 300 milhões de dólares para fazer o Rio Shark voltar a correr através do pântano, que filtrava naturalmente suas águas. O sistema dos Everglades abastece 4 milhões de pessoas na região de Miami, onde a qualidade da água é considerada uma das piores do país, justamente porque a drenagem para agricultura eliminou o filtro natural.

Enchentes

Outro exemplo é o do Rio Yang-Tse, na China, que corria através de um complexo sistema de lagos e várzeas, drenados e modificados para uso agrícola. As modificações são a causa das inundações, que tem desalojados milhões de chineses todos os anos nas margens do Yang-Tse. O governo chinês também está investindo pesado na reversão das drenagens e reabertura dos lagos para conter a força das águas nas enchentes. Como bem resumiu a rainha Noor: "Não podemos competir com a natureza, nem controlá-la, mas podemos trabalhar com ela e uns com os outros, para realizar nosso sonho de água limpa, ecossistemas saudáveis e sociedades prósperas para todas as populações do globo".

Embora o Brasil não seja um dos parceiros usuais da Holanda em projetos binacionais relativos a recursos hídricos, ambos podem se tornar parceiros. "Estamos dispostos a aumentar esta cooperação através de canais multilaterais, sobretudo na área técnica de nossa especialidade, que é a construção de canais", declarou o príncipe Willem Alexander de Orange.

A Holanda tem uma universidade e diversas instituições de pesquisa e tecnologia concentradas na cidade de Delft, incluindo experts em salinização. Este é justamente um dos problemas que tendem a se agravar com os projetos de irrigação do Nordeste e a polêmica transposição do Rio São Francisco.

De Haia, Liana John/AE



A rainha Noor Al Hussein lembrou que nossos corpos e a superfície da Terra são formados por mais de 70% de água